

# Reticulações para um melhor possível: antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas

Reticulations for a better possible: speculative anthropology of human and more-than-human emotions

**Paulo Rogers Ferreira**

Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

**Marlúcia Malheiros Souza**

Universidade Federal da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

## RESUMO

Este artigo se volta para a descentralização de uma antropologia das emoções fundada e fadada no dilema razão x emoção/paixões/biografias/temperamentos humanos que circunscreve esse campo. Buscamos instigar a construção de uma antropologia especulativa das emoções não restrita às emoções humanas, mas no fazer o emocional da assistência por humanos e mais que humanos (no nosso caso, mobília e psicotrópicos) em um Centro de Atenção Psicossocial. Fugimos, portanto, da separação brutal entre aquilo que nunca teve história na antropologia das emoções – o emocional das materialidades – e aquilo que nunca deixa a história da antropologia das emoções: a centralidade nas emoções/paixões/temperamentos humanos. Estamos longe de uma antropologia das emoções que se confunde com uma espécie de antropologia psicológica das emoções, sem perceber que a psicologia é sua própria crise. Estamos longe ainda de uma antropologia das emoções que faz do conceito de alteridade algo exclusivo entre humanos. A metodologia empregada é a etnografia da relação humano e materialidades no Centro de Atenção Psicossocial da cidade de Guanambi (Bahia), no sudoeste baiano. Para tanto, foram etnografadas as metáforas e as percepções dos profissionais de saúde e dos usuários ao apontarem como a mobília e os psicotrópicos transformam a assistência naquele Centro em algo aconchegante (o melhor possível). Como resultado deste trabalho, uma outra antropologia das emoções possível. Uma mais especulativa, repleta de emoções materiais-espirituais de humanos e mais que humanos e bem distante da orientação egóica de uma antropologia partindo de biografias.

**Palavras-chaves:** Antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas, Antropologia médica, Antropologia especulativa.

---

Recebido em 31 de janeiro de 2024.

Avaliador A: 08 de abril de 2024.

Avaliador B: 03 de junho de 2024.

Aceito em 09 de agosto de 2025.

---



## ABSTRACT

This article focuses on the decentralization of an anthropology of emotions founded and destined on the dilemma of reason vs. emotion/passions/biographies/human temperaments that circumscribes this field. We seek to instigate the construction of a speculative anthropology of emotions not restricted to human emotions, but in the emotional delivery of assistance by humans and more-than-humans (in our case, furniture and psychotropics) in a Psychosocial Care Center. We therefore avoid the brutal separation between that which has never had a history in the anthropology of emotions - the emotional of materialities - and that which never leaves the history of the anthropology of emotions: the centrality of human emotions/passions/temperaments. We are far from an anthropology of emotions that is confused with a kind of psychological anthropology of emotions, without realizing that psychology is its own crisis. We are still far from an anthropology of emotions that makes the concept of otherness something exclusive among humans. The methodology used here is the ethnography of the human relationship and materialities in the Psychosocial Care Center of the city of Guanambi (Bahia), in the southwest of Bahia. To this end, the metaphors and perceptions of health professionals and users were ethnographically analyzed, indicating how furniture and psychotropic drugs transform care in that Center into something cozy (the best possible). As a result of this work, another anthropology of emotions is possible. A more speculative one, full of material-spiritual emotions of humans and more than humans and far removed from the egoic orientation of an anthropology based on biographies.

**Keywords:** Speculative anthropology of human and more-than-human emotions, Medical anthropology, Speculative anthropology.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é um exercício em antropologia especulativa das emoções<sup>1</sup> humanas e mais que humanas<sup>2</sup> na busca colaborativa de um melhor serviço público possível, serviço esse

---

1 A inspiração para pensar emoções mais que humanas, mais especificamente a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II, vem de Vinciane Despret ao tratar de elefantes artistas: “Parece que o que está em operação aqui [entre elefantes artistas] não está ligado ao agir de um único ser, seja ele humano (como alguns afirmam, ‘tudo depende das intenções do humano’) ou animal (é ele o autor da obra). Estamos lidando com agenciamentos complicados: trata-se sempre de uma composição que ‘faz’ um agenciamento intencional, um agenciamento que se inscreve em redes” (Despret, 2021, p. 29).

2 Seguimos a orientação de Bellacasa: “Esse termo [mais que humano] continua a não ser satisfatório, por sua falta de especificidade conceitual e pelos conteúdos morais que nos convidam a ‘transcender’ o humano por algo ‘mais do que’. O termo ainda parte de um centro humano, para depois chegar ‘além’ dele. No entanto, ele funciona bem o

engajado em presentes problemáticos<sup>3</sup>. Como exemplo etnográfico, utiliza-se a construção do melhor Centro de Atenção Psicossocial (Caps) possível e, para tanto, nos voltaremos às emoções da mobília e dos psicotrópicos influenciando no emocional de profissionais de saúde e de usuários do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e outras Drogas (Caps AD II), na cidade de Guanambi (Bahia). A intenção é especular o emaranhado das emoções humanas e mais que humanas (a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II como mais que humanos, o que em ciência moderna costumou categorizar de “inanimado”) na trajetória emocional de um melhor sob tensão.

O conceito de melhor Centro de Atenção Psicossocial possível é inspirado em Bruno Latour (2019a), quando o autor apresenta o conceito de melhor mundo possível associado à boa combinação<sup>4</sup>. Quanto à questão da mobília e dos psicotrópicos do Caps AD II serem levados em consideração em sua agência e emoção intencionais para esta investigação, nos orientaremos pelo especular de Maria Puig de la Bellacasa (2023), quando a autora assinala que o cuidado em saúde é um problema humano, mas isso não faz dele uma questão apenas de interesse humano. No mais, recobramos a prática de profissionais de saúde e de usuários de comparar e avaliar situações na busca da melhor assistência pública possível, prática proposta por Annemarie Mol e John Law (2002), quando nos apontam que a questão não é se a assistência em saúde é boa ou ruim, como se houvessem padrões, mas se ela é melhor ou pior do que era, do que suas alternativas, do que um limite acordado, do que seria de esperar, em que avaliações envolvem comparações.

A proposta deste artigo nasce de uma inquietação encontrada no trabalho de campo<sup>5</sup> na cidade de Guanambi, na Bahia, isto é, profissionais de saúde e usuários do Caps AD II, em sua maioria, afirmavam que o local, em sua mobília, psicotrópicos e pessoal qualificado, era mais aconchegante que suas próprias casas<sup>6</sup>. Esse aconchego não se associava apenas à ação dos profissionais de saúde, mas também à ação da mobília ali presente e do controle medicamentoso da dependência ou da tendência suicida pelos usuários. Essa afirmativa, que se repetia entre profissionais de saúde e usuários sob etnografia, chamava atenção para a conceituação de um melhor Centro de Atenção Psicossocial possível, rumo à boa combinação, feito por humanos

---

suficiente como terreno incerto para a delicada tarefa de ampliar a consideração das vidas envolvidas nas agências de cuidado, que ainda são pensadas em sua maioria como algo que as pessoas humanas fazem” (Bellacasa, 2023, p. 109).

3 Por presentes problemáticos, entendemos usuários com quadro de violência doméstica, unidades de saúde com escassez de recursos e de pessoal, entre outros.

4 Para Latour: “Enquanto vocês não tiverem conseguido encontrar a boa combinação, podem dizer aos sábios e aos políticos que não haverá melhor mundo possível” (Latour, 2019a, p. 230).

5 O trabalho de campo foi realizado entre janeiro de 2023 e janeiro de 2024.

6 A casa para os usuários do Caps AD II é compreendida como um espaço precário, com pouquíssima mobília e com familiares violentos.

e mais que humanos, nos fazendo especular: como esse melhor é feito por humanos, mobília e psicotrópicos ali presentes? Quais são as feiturares? Quais são as possibilidades? Quais são as boas combinações?

Este artigo parte de um gesto especulativo e político, como logo veremos, no sentido proposto por Didier Debaise e Isabelle Stengers: “O pensamento especulativo, tal como procuramos herdá-lo, se encontra exprimido, pela primeira vez, em Whitehead: ‘A filosofia não pode excluir nada’” (Debaise; Stengers, 2016, p. 84, tradução nossa). E é buscando esse gesto de nada excluir que incluímos a ação da mobília e dos psicotrópicos na boa combinação do melhor Caps AD II possível.

## **ESPECULANDO O ACONCHEGANTE NO CAPS AD II DE GUANAMBI (BAHIA)**

Especular sobre o aconchegante para profissionais de saúde e usuários do Caps AD II não se limita à avaliação das escalas de desempenho de profissionais de saúde ou apenas da ação da mobília ali presente ou ainda do autocontrole medicamentoso pelos usuários. Dito de outro modo, o especular não depende de uma única escala, mas do que se faz, nessas diferentes dimensões, em cada situação de aconchego, envolvendo humanos e mais que humanos.

A primeira ação assistencial rumo ao aconchego pelos usuários é a autoassistência, ou melhor, o deslocamento de sua casa para o Caps AD II. Usuários sob violência doméstica se deslocam de suas casas, onde o coabitável se torna difícil, para desfrutar da “calmaria” no Caps AD II, com a ausência da violência acometida. Podemos constatar o sentido do aconchegante em comentários dos usuários, tais como: “Aqui não tem grito e ninguém bate na gente!” ou “Aqui ninguém julga a gente!” ou ainda “Aqui é calmaria total!”. A passagem da violência doméstica ao não julgamento, à “calmaria” e ao pouco barulho é uma primeira ação por parte dos usuários que levará as dimensões do aconchegante para eles. Quanto aos profissionais de saúde, o aconchego está relacionado ao próprio ambiente de trabalho, isto é, a iniciativa deles mesmos de conviver com os colegas “como se fossem da família”: profissionais de saúde que passam a frequentar o ciclo familiar dos seus colegas, que os adicionam no Facebook, Instagram e grupos de WhatsApp e que trazem seus familiares para as festas de equipe de trabalho no Caps AD II. Em ambos os casos, seja o dos usuários, seja o dos profissionais de saúde, trata-se de uma questão de avaliar boas escolhas. Ou como diriam Mol e Law: “A realização de uma boa escolha vem às custas de outra, o aconchego” (Mol; Law, 2002, p. 221, tradução nossa).

Uma segunda ação assistencial rumo ao aconchego é a dos profissionais de saúde proporcionando acolhida aos usuários: comida quente, televisão e socialização, filtro com água estrategicamente localizável, entrega de antidepressivos, entre outros. Diferentemente

da indiferença e da violência das famílias dos usuários, no Caps AD II, eles recebem apoio de profissionais de saúde que procuram uma assistência “humanizada”, isto é, levando em consideração o histórico de vida do usuário, o emocional dele, assistindo-o com cuidado e sem preconceito decorrente do consumo excessivo de álcool e outras drogas. É válido ressaltar aqui que a assistência dos profissionais de saúde se faz com psicotrópicos, com terapia psicossocial, mas também com televisões, cadeiras, filtro com água gelada, entre outros, nos levando ao que Mol e Law (2002) já constatavam sobre o aconchegante em serviços de saúde: “[o cenário do cuidado], embora preocupado com um valor tão imaterial como ‘aconchegante’, insiste nas materialidades” (Mol; Law, 2002, p. 217, tradução nossa). Ou seja, o aconchegante necessita das materialidades. E, para tanto, não basta ter um filtro com água, ele precisa ser bem localizado, de fácil acesso; ele precisa ser sobretudo “convidativo”. Não basta ter comida, ela precisa ser quente e “calorosa”. Não basta ter cadeiras, elas precisam ser bem distribuídas e apoiar a socialização em todo o Caps AD II. Não basta ter psicotrópicos, eles precisam “estabilizar” os usuários. Quanto aos profissionais de saúde rumo ao aconchego do próprio ambiente de trabalho via materialidades, foram constatadas portas com retratos da equipe, vasos de louça nas mesas, animais de porcelana, entre outros.

A terceira ação assistencial rumo ao aconchego, ainda decorrente da segunda, é a ação da mobília e dos psicotrópicos do Caps AD II. Para esse propósito, vejamos primeiro a ação da mobília. Para tanto, é preciso romper com a grande divisão em ciência moderna entre animado e inanimado. É Latour (2006) que nos ensina tal ruptura. Recobra o autor: “Ninguém duvida que panelas ‘fervam’ água, que faca ‘corte’ carne, que cestos ‘guardem’ comida, que martelos ‘preguem’ pregos, que grades ‘impeçam’ crianças de cair [...]. Esses verbos não designam ações?” (Latour, 2006, p. 102, tradução nossa). Dito de outro modo, Latour nos ensina a questionar a limitação do conceito de “inanimado” em ciência moderna, recuperando suas ações na transformação do mundo. Se o aconchegante do Caps AD II necessita de materialidades, em que o filtro com água é convidativo, a comida é calorosa e as cadeiras distribuídas estrategicamente por todo o espaço apoiam na assistência<sup>7</sup>, é preciso também recobrar o que já apontava Gilbert Simondon, inspiração de Latour (2006), sobre o processo de individuação dos objetos técnicos. Para Simondon, “É preciso reintroduzir [...] a consciência da natureza das máquinas, das relações recíprocas destas e suas relações com o homem, bem como os valores presentes nessas relações. Tal conscientização exige a existência, ao lado do psicólogo e do sociólogo, do tecnólogo ou *mecanólogo*” (Simondon, 2020, p. 48-49). O que Simondon nos alerta é que os objetos técnicos (no nosso caso, a mobília do Caps AD II) podem

---

7 Para citar um outro exemplo etnográfico, remarcamos a ação do sofá na assistência aos cuidados paliativos. Ferraz e Ferreira (2025) discorrem sobre a mobília como “equipamento de apoio” nos cuidados paliativos: “[O sofá] é um objeto aperfeiçoado, em que sua estrutura é plurifuncional [...]. É um corpo animado, um meio, base para outras estruturas, ele faz, assim, parte da equipe multiprofissional no ato de paliar, logo ele exerce uma ação: também conforta os familiares do paciente, auxiliando a equipe” (Ferraz; Ferreira, 2025, p. 69).

ser estudados pela definição de suas gêneses e, definindo-a, é possível estudar as relações entre eles e as outras realidades. E é nesse sentido que para o autor o objeto técnico pode ser estudado ao nível dos elementos, dos indivíduos e dos conjuntos.

Quanto ao nível dos elementos, o aperfeiçoamento do objeto técnico não provaria nenhum transtorno que produza angústia por entrar em conflito com os hábitos adquiridos, pois “assim foi o clima de otimismo do século XVIII, ao introduzir a ideia de um progresso contínuo e infinito, portador de uma melhora constante da condição humana” (Simondon, 2020, p. 51). Quanto ao nível dos indivíduos, o indivíduo técnico, durante algum tempo, torna-se o adversário do humano, seu concorrente. Por fim, no nível dos conjuntos: “O desenvolvimento das técnicas aparece como uma garantia de estabilidade. A máquina, como elemento do conjunto técnico, torna-se aquilo que aumenta a quantidade de informação, [...] aquilo que se opõe a degradação da energia” (Simondon, 2020, p. 52). Dito de outra maneira, esse olhar sobre o objeto técnico em Simondon (2020) e Latour (2006) anuncia a possibilidade do objeto técnico na cultura. Para Simondon: “Essa integração, que não pode se efetuar de maneira definitiva nem no nível dos elementos nem no nível dos indivíduos, poderá ocorrer, com maior chance de estabilidade, no nível dos conjuntos. Tomada reguladora, a realidade técnica poderá integrar-se à cultura, que é essencialmente reguladora” (Simondon, 2020, p. 52). Ora, a mobília do Caps AD II, ao nível dos conjuntos, entra na assistência, que é reguladora. É por isso que a mobília pode tornar-se um fundamento da assistência, a qual trará poder de unidade e estabilidade ao adequá-la à realidade que ela exprime e regula.

Essa regulação, também promovida pela mobília, não se faz sem criatividade, sem arte, sem despudor, sem funcionalidades inesperadas e sem revelia<sup>8</sup>. E é nesse sentido que a mobília do Caps AD II, ambientada em um cenário de precariedade e escassez de material, também se aproxima do conceito de “gambiarra” na cultura brasileira, tão elegantemente delineado por Fernanda Bruno:

A gambiarra não é apenas o “faça você mesmo” ou o improvisado com o que está à mão, nem somente a capacidade de produzir soluções e objetos a partir da precariedade de recursos. [...] A gambiarra consiste numa relação despuorada e inventiva com os objetos técnicos, implicando também um modo de se relacionar com o mundo por meio dos entes técnicos que portam potencialidades cognitivas e políticas próprias (Bruno, 2017, p. 138).

A mobília do Caps AD II se aproxima de uma gambiarra na invenção criativa do melhor

---

8 Ressaltamos também o que nos tem ensinado Akrich: “Os objetos técnicos definem, em sua configuração, uma certa partição do mundo físico e social, atribuem papéis a certos tipos de atores — humanos e não-humanos — excluindo outros, autorizam certos modos de relação entre estes diferentes atores, etc...de maneira tal que eles participam plenamente da construção de uma cultura, no sentido antropológico do termo, ao mesmo tempo que eles se tornam obrigatoriamente os mediadores em todas as relações que nós mantemos com o ‘real’” (Akrich, 2014, p. 161).



Centro de Atenção Psicossocial possível. Isso acontece, por exemplo, quando encontramos por lá blocos como suporte de vasos para as plantas ornamentais, troncos como bancos, cadeiras que viram mesa na assistência, entre outros.

Não há, por princípio, nenhuma restrição acerca do que pode fazer parte de uma gambiarra. Tampouco há uma orientação ou lógica prescritiva em jogo, e só é proibido (a posteriori) o que compromete o bom funcionamento da gambiarra. Lembrando que o bom funcionamento aqui não é orientado por nenhum ideal, mas sim por algo próximo ao que o psicanalista inglês Donald Winnicott propôs a respeito das mães em relação aos seus bebês. Não a mãe perfeita e ideal, mas a mãe suficientemente boa: aquela que assegura um ambiente favorável e confiável que permite ao bebê construir uma relação criativa com o seu entorno. Similarmente, a gambiarra não é a realização do objeto ideal, ela é suficientemente boa. Todas as misturas são permitidas contanto que sejam funcionais. A inventividade consiste justamente na combinação dos elementos e na criação de uma funcionalidade inesperada para objetos e/ou suas partes (Bruno, 2017, p. 143).

Dito de outro modo, a ação “gambialógica” (termo empregado pelo coletivo Gambiologia e que Bruno utiliza) é, no nosso caso, um modo de produzir a criação de uma funcionalidade inesperada com a mobília do Caps AD II, isto é, o suficientemente bom do aconchegante na melhor assistência possível. A gambiarra faz parte da boa combinação.

Por fim, analisa-se a ação da assistência medicamentosa em seu efeito potencializador (Pignarre, 1999) rumo ao aconchego. Antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores de humor são psicotrópicos que também fazem o melhor Centro de Atenção Psicossocial possível. Eles contribuem para a boa combinação<sup>9</sup>. A ação medicamentosa é parte da concepção de aconchego pelos usuários do Caps AD II. Inibidores da dependência e da depressão, os psicotrópicos entram na autoassistência, ou como diria Pignarre: “Quando falamos de *socialização* (ou de nova etapa na socialização), falamos também da maneira pela qual [os psicotrópicos], os não-humanos, contribuem para definir o social, e não da maneira pela qual o refletiriam passivamente” (Pignarre, 1999, p. 84-85).

No que diz respeito aos profissionais de saúde, os psicotrópicos também os proporcionam aconchego no ambiente de trabalho, com pacientes estabilizados. Para ambos os casos, profissionais de saúde e usuários, trata-se de psicotrópicos que fazem a passagem de produtos ao seu valor de uso por profissionais de saúde e usuários, apoiando-os na assistência. Ou como diria Pignarre: “Os medicamentos eram apenas produtos porque haviam sido separados

---

9 Por outro lado, Pignarre alerta o perigo dessa combinação. Ressaltando que os psicanalistas perderam a guerra para os psicotrópicos, ele alerta: “É essa história que tentamos contar, nos perguntando por que os psicanalistas, e todos esses que eles se inspiram, os psiquiatras, perderam a guerra, sem ao menos terem sido os primeiros a prescreverem psicotrópicos. Como trabalhar com a ‘máquina’? Ela é modesta no início. Ela não tem pretensão. Ela se apresenta somente como uma ferramenta suplementar ao serviço do profissional. Ela só quer ajudar... Ela não tem nenhuma vontade de aparecer em cena para mostrar seus músculos. Ela não sabe rir, logo não zomba de ninguém. Ela é respeitosa e, a cada vez que um intermediário fala em seu nome, ela precisa que sua ação deve ser completada com ‘psicoterapia’” (Pignarre, 2006, p. 8, tradução nossa).

de suas qualidades (seu valor de uso) [...]. A menos que se compreenda que não era sobre o medicamento que se negociava até então, mas sobre o que se poderia chamar ‘espírito do medicamento’” (Pignarre, 1999, p. 100).

Em síntese, o conceito de aconchego na assistência está relacionado a diferentes dimensões de ação: dos usuários, dos profissionais de saúde, da mobília, da gambiarra e dos psicotrópicos, em uma descentralização da assistência centrada nas exclusivas ações humanas, seja as dos profissionais de saúde, seja as dos usuários. O resultado dessa etnografia, em que a influência sobre o emocional de profissionais de saúde e de usuários se dá na interação com humanos e mais que humanos ali presentes, desemboca na concepção de aconchego. Aconchego aqui não implica no “melhoramento” da vida dos usuários em sofrimento decorrente de violência, mas, e sobretudo, no mais do que pode ser alcançado com a mobília e com psicotrópicos, isto é, no melhor possível como suficientemente bom.

## **O CAPS AD II DE GUANAMBI (BAHIA)**

O modelo de atenção para usuários em sofrimento decorrentes do uso de álcool e outras drogas, baseado na institucionalização como principal método de tratamento em saúde mental, adotou uma nova proposta após a Reforma Psiquiátrica. Essa nova proposta pode ser compreendida como uma denúncia dos maus tratos nos manicômios, propondo a construção de uma rede de serviços de atenção e assistência com estratégias territoriais e comunitárias, com princípios norteadores como solidariedade, inclusão e liberdade (Brasil, 2004). Conforme o Conselho Federal de Psicologia (2019), o movimento da reforma psiquiátrica tardou em perceber a necessidade de desenvolvimento de tecnologias de cuidado para esses usuários, quando, por muito tempo, a única assistência com relação ao uso de medicamentos era prática asilar através do modelo de internação em hospitais de grande porte, com perfil manicomial ou clínicas privadas. No mais, outros segmentos como iniciativas de cunho espiritual, as Comunidades Terapêuticas (CT) e de grupos de ajuda/apoio mútuo buscaram enfrentar a questão do uso e abuso de drogas como uma doença incurável (Conselho Federal de Psicologia, 2019).

Como resposta das propostas postuladas pela Reforma Psiquiátrica, foi criado, em 1987, o primeiro modelo de Centro Psicossocial do Brasil na cidade de São Paulo, que se tornou referência para a implementação de serviços substitutivos e, com a aprovação da Lei nº 10.216/2001 (Brasil, 2001), garantiu a proteção e os direitos dos indivíduos portadores de transtornos mentais, propondo novas formas de atenção e cuidado em espaços de saúde mental.

Quando adentramos o Caps AD II na cidade de Guanambi, percebemos que ele é uma unidade especificamente voltada para a oferta de atendimento às pessoas com sofrimento pelo uso de álcool. Atualmente, conta com a assistência para uma média de 100 usuários



ativos, tendo um total de 19 profissionais de saúde. O ponto de partida para esta pesquisa foi o redirecionamento teórico da coautora Marlúcia Malheiros Souza – auxiliar da etnografia, com formação em Psicologia da Saúde e proveniente de uma psicologia humanista centrada na pessoa, em que há toda uma outra sensibilidade – para se distanciar do antropocentrismo do protagonismo do “sujeito” humano e observar como mobília e psicotrópicos agiam na assistência. Foi instigada pelo seu orientador e coautor Paulo Rogers Ferreira, antropólogo, professor do curso de Medicina (IMS/UFBA), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFBA) e especialista em antropologia médico-especulativa. Em um segundo momento, a identificação, nas falas dos usuários e profissionais de saúde, do que seria a ação aconchegante das materialidades ali presentes, não como parte de uma espécie de “cultura material”, mas como atuantes diretamente concernidos no melhor possível da assistência. Por fim, o etnografar do melhor possível, não como ideal, mas como suficientemente bom, isto é, distante da procura de uma assistência idealizada como boa ou ruim, como se houvessem padrões, mas na busca do melhor ou pior do que era, do que suas alternativas, do que um limite acordado, do que seria de esperar, em que avaliações envolvem comparações. Um melhor possível produzido pelas emoções humanas e mais que humanas.

Este artigo se distancia do conceito de “cultura material”, que nos é limitado para instigar uma antropologia especulativa das emoções mais que humanas em serviços de saúde. Nos pautamos em Antônio Soares: “O conceito ‘cultura material’ e sua história, constituem-se em um sistema de produção de conhecimentos [humanos] sobre as coisas. Uma episteme! Sendo assim, a construção de ‘cultura material’ enquanto conceito, revela-se como a própria epistemologia acerca das ‘coisas antropizadas’” (Soares, 2020, p. 2). Dito de outra maneira, o conceito de “cultura material” ainda parte do dualismo moderno que coloca em oposição assimétrica o “sujeito” e os “objetos”, sendo o primeiro ativo, humano, produtor de epistemes e de emoções, e os segundos, mais que humanos, passivos, sob crivo das emoções e das epistemes do primeiro. Ou como diria Soares: “Considerar as coisas [no nosso caso, mobília e psicotrópicos] como ‘objetos’ passivos, não participantes do meio social, é ignorar seus aspectos relacionais” (Soares, 2020, p. 2).

Os autores deste artigo fazem parte da corrente denominada “virada ontológica”. Essa corrente surge na história da antropologia nos anos 1990 por antropólogos tais como Philippe Descola, Eduardo Viveiros de Castro, Bruno Latour, entre outros. Estes perceberam que as análises antropológicas de várias culturas humanas, de suas funções, de suas emoções e de suas estruturas, que autorizavam o fazer antropológico, concebiam os mais que humanos (os “objetos”) como entidades passivas, objetivas, sem emoções, sem intenções, como pano de fundo para o palco da exacerbação das relações, das classificações e das emoções humanas (Ferreira; Chagas, 2025). A “virada ontológica” irrompe a partir da reivindicação por simetria entre humanos e mais que humanos no atuar e no sentir nas análises antropológicas.

O município de Guanambi se localiza na região do semiárido no sudoeste baiano, com

população de 87.817 habitantes (IBGE, 2022). Ele recebeu o Caps AD II no ano de 2014. A unidade é composta por 2.250 m<sup>2</sup>, contendo campinho de futebol, área livre, consultórios, cozinha, refeitório, pátio, lavanderia, farmácia e salas para oficinas coletivas. Essa mobília e espaço são pensados para acolhimento de todas e todos, com bebedouro em local estratégico e cadeiras localizadas em vários ambientes. Cada detalhe é relatado pelos usuários com “ares caseiros”; objetos como quadros, vasos e os itens da ornamentação são produzidos nas oficinas de artesanato e dispostos em todo o lugar.

O pátio, onde encontra-se uma mesa de sinuca, é o local do encontro, do riso e de descontentamentos. Quando a palavra é dada aos usuários sobre a equipe que trabalha no serviço, ocorrem relatos sobre a “tia” da cozinha<sup>10</sup>, que além de fazer uma comida saborosa tem “cuidados maternos”. Os usuários falam da experiência de comer e vivenciar momentos como se fossem “de família” nos horários das refeições. As plantas ornamentais e frutíferas são regadas pela equipe de funcionários e pelos usuários.

Vejamos, pois, a mobília aconchegante do Caps AD II (Figuras 1 a 11):

**Figura 1. Ornamentação**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

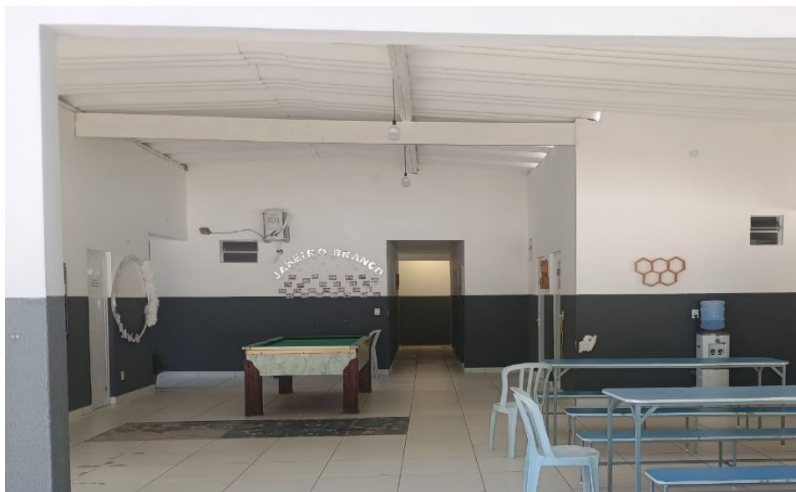
**Figura 2. Filtro estrategicamente localizado**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 3. Refeitório com sinuca**

10 Nesse sentido, nos inspiramos em Mol: “Mobilizando eventos e situações, irei gradualmente concretizar o ‘bom cuidado’. Mas enquanto o cuidado estiver principalmente associado ao ‘amor terno’, pode ser considerado algo como se opondo à tecnologia. O remanescente pré-moderno em um mundo moderno. Talvez tais cuidados possam ser acrescentados como extra amigável, talvez seja consumido pela tecnologia, mas em ambos os casos o dois são mutuamente exclusivos. Mas se isso é verdade, o cuidado é diferente da tecnologia? É o cuidado humano amigável enquanto o tecnológico é estratégico e depende apenas da racionalidade? É precisamente aqui que quero interferir. O cuidado que eu vou falar sobre, não se opõe, mas inclui, a tecnologia. E a tecnologia da qual falarei não é transparente e previsível, mas tem que ser manuseada com cuidado” (Mol, 2006, p. 5, tradução nossa).



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 4. Entrega de medicamentos**



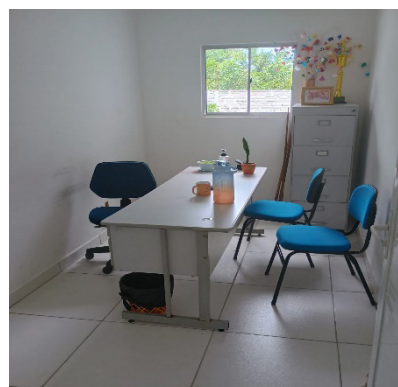
Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 6. Sala**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 5. Consultório**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 7. Cozinha**



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

**Figura 8. Corredores decorados**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 9. Lavanderia**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 10. Recepção**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

**Figura 11. Campinho de futebol**



Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Tudo isso que os usuários irão chamar de aconchegante coaduna com a perspectiva especulativa de Emanuele Coccia (2021), quando discorre sobre a filosofia da casa<sup>11</sup>:

Elas podem ser grandes ou pequenas, luxuosas ou sóbrias. Elas podem ter paredes e um telhado ou ser de lona. Portanto, esses artefatos que nos acompanham desde milhares de anos têm sempre o mesmo objetivo: a felicidade. Construimos as casas para viver *melhor*: a essência de cada casa reside neste advérbio. O fundamento de cada casa é moral e não puramente estético e arquitetural. Uma domesticação recíproca entre as coisas e as pessoas: erguemos paredes, acumulamos coisas, nos amamos, cuidamos de

<sup>11</sup> Sinalizamos que Coccia (2021) estava preocupado com o espaço doméstico da casa, como espaço privado de felicidade. O que constatamos na Caps AD II, a partir de entrevistas com os usuários, é um espaço público que passa a ter também a concepção de um “viver melhor”, a partir da transformação material do local.

nossos parceiros e de nossas crianças. Com a casa, é a ideia mesma de moralidade que muda, pois ela não é somente um espaço feito de pedras e de tijolos, mas uma série de objetos e de pessoas. A felicidade não é uma afecção ou uma figura da vontade, mas, finalmente, uma forma material, uma estrutura deste mundo. A ética não se resume a uma doutrina de boas intenções, ela é uma teoria e uma prática da transformação material do mundo (Coccia, 2021, p. 8, tradução nossa).

Especular sobre o melhor Centro de Atenção Psicossocial possível é recobrar o que aponta Coccia (2021), isto é, nos voltarmos às transformações materiais do Caps AD II, naquilo que transforma em aconchegante aquele espaço material. Um material que passa a ser aconchegante material-espiritual, reorientando o emocional de usuários com quadro de depressão, de abandono, de violência doméstica e de dependência.

As transformações materiais à boa combinação do melhor Centro de Atenção Psicossocial possível requerem a ruptura da grande divisão entre animado e inanimado na ciência moderna. A mobília do Caps AD II e os psicotrópicos passam a definir, em sua transformação material-espiritual em aconchegante, uma certa participação no mundo físico, social e emocional daquele espaço, colaborando com um “viver melhor” (Coccia, 2021), atualizando um certo modo de relação entre profissionais de saúde e usuários.

A mobília e os psicotrópicos do Caps AD II rompem com a concepção de “inanimado” por sua imprecisão de contornos transformados no aconchegante material-espiritual. Um aconchegante material-espiritual produzido por mobília e psicotrópicos que exprimem um arranjo na combinação política do melhor Centro de Atenção Psicossocial possível. Ou como diria Winner: “Se nossa linguagem moral e política para avaliar a tecnologia inclui apenas categorias ou questões relacionadas com ferramentas e usos, se não incluir atenção ao significado dos designs e arranjos de nossos artefatos, então seremos cegos para muitas coisas” (Winner, 1980, p. 125, tradução nossa).

O que Winner (1980) propõe é, por exemplo, prestar atenção quando profissionais de saúde ou usuários afirmam que a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II apoiam (verbo de ação) na assistência. Afirmações do tipo: “Esses vasos de plantas ornamentais deixam o ambiente aconchegante” (usuário); “Os computadores quebram o galho no serviço” (profissional de saúde); “Os ventiladores deixam a sala de espera mais arejada” (usuário); ou ainda “Os medicamentos estabilizam os usuários, facilitando as coisas” (profissional de saúde). O que a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II proporcionam é o aconchegante material-espiritual como assistência e política pública de qualidade. Profissionais de saúde e o Estado não fariam política sem o apoio (verbo de ação) de cadeiras, de mesas, do campinho de futebol, do refeitório com sinuca e dos psicotrópicos.

Não é surpresa saber que sistemas técnicos de vários tipos estão profundamente entrelaçados nas condições da política moderna. Os arranjos físicos de produção industrial, guerra, comunicações e similares mudaram totalmente o exercício do poder e a experiência da cidadania. Mas para ir além deste fato óbvio e argumentar



que certas tecnologias em si têm propriedades políticas, à primeira vista, parece completamente equivocado. Todos nós sabemos que as pessoas fazem política, não coisas. Para descobrir virtudes ou males em portas de aço, plástico, transistores, circuitos integrados e produtos químicos parece simplesmente errado, como se fosse uma forma de mistificar o artifício humano e de evitar as verdadeiras fontes: as fontes humanas de liberdade e opressão, justiça e injustiça. Culpar o *hardware* parece ainda mais tolo do que culpar as vítimas, quando se trata de julgar as condições da vida pública. Consequentemente, escuta-se um conselho severo, comumente dado àqueles que flertam com a noção de que os artefatos técnicos têm qualidades políticas: o que importa não é a tecnologia em si, mas sim o sistema social ou econômico em que ela está inserida. [...] Esta conclusão oferece conforto aos cientistas sociais: valida o que eles sempre suspeitaram, ou seja, que não há nada de distintivo no estudo da tecnologia em primeiro lugar. Assim, eles podem retornar aos seus modelos padrões do poder social – aqueles da política de grupo de interesse, da política burocrática, do marxista, dos modelos de luta de classes e coisas do gênero – e têm tudo o que precisam (Winner, 1980, p. 122, tradução nossa).

Campinho de futebol, área livre, salas, consultórios, cozinha, refeitório com sinuca, pátio, oficinas coletivas, bebedouro em local estratégico, cadeiras localizadas em vários ambientes, quadros, psicotrópicos, vasos e os itens da ornamentação produzidos nas oficinas de artesanato e dispostos em todo o lugar, tudo isso em ação política material-espiritual, influenciam no emocional do aconchegante de profissionais de saúde e usuários. Ora, tudo isso deve ser levado a sério, ao invés de reduzir os artefatos técnicos do Caps AD II em “inanimados” (sinônimo de passivo, sem ação, sem intenções, sem orientação política própria) em prol da centralidade do emocional apenas no humano, como se costuma trabalhar em antropologia das emoções. Não se trata de substituir a ação dos profissionais de saúde ou usuários, mas agregar outras ações também fundamentais: as materialidades como fenômeno político e colaborativo do emocional de profissionais de saúde e usuários do Caps AD II. Algo próximo a Latour: “Talvez tenha chegada a hora de voltar a falar de democracia, mas de uma democracia estendida às próprias coisas” (Latour, 2019b, p. 178).

Estender a democracia às coisas é perceber que a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II possibilitam (verbo de ação) a assistência, juntamente com os profissionais de saúde e usuários, em uma boa combinação de um melhor Centro de Atenção Psicossocial possível. Arranjos (não sem tensões e despudor) da mobília e dos psicotrópicos. Mundo material-espiritual em ação pública. Mobília colocada em local estratégico para a assistência por profissionais de saúde, em que ela própria mobília passa a apoiar a estratégia. Psicotrópicos estabilizando o humor de usuários.

Porém, por vezes, a mobília e os psicotrópicos não cumprem com o que prometem: luz queima, ventilador quebra, computador fica “temperamental”, psicotrópico tem pouco efeito e filtro térmico para de fornecer água gelada, desestabilizando o aconchego. Algo aproximado a Mol (2006) ao articular conhecimento científico, conhecimento médico e tecnologia na lógica do cuidado:



O que torna difícil fazer isso, é que quase todas as discussões sobre conhecimento [científico, médico] e tecnologia são enquadradas em um repertório racionalista. [...] Sim, é assim como funciona [a tecnologia] ou deveria funcionar. No entanto, se forem sondados com perguntas, [médicos, enfermeiros, pacientes e certamente a maioria dos gestores, investigadores e políticos] provavelmente contará histórias que não se enquadram na visão racionalista. Histórias complexas, nas quais fatos e valores se entrelaçam. Surpreendentes histórias, nas quais as tecnologias não cumprem o que prometem. Histórias com reviravoltas estranhas e difíceis de entender. Geralmente, essas complexidades são consideradas distúrbios perturbadores. Elas são consideradas sinais da confusão das práticas mundanas que não conseguem se submeter aos ideais teóricos (Mol, 2006, p. 42-43, tradução nossa).

A mobília e os psicotrópicos fazem mais do que apenas cumprir e descumprir suas funções: eles têm uma série de efeitos, alguns dos quais são inesperados (Mol, 2006), outros despudorados (Bruno, 2017), outros ainda sob quebra das expectativas humanas (Mol, 2006). Compreender a assistência das materialidades é mexer com o cumprimento e o descumprimento dela, produzindo um aconchegante sob tensão das emoções humanas e mais que humanas.

É sobretudo com Souriau (1938, 2020) que recobramos o material-espiritual das materialidades do Caps AD II. É esse autor que nos orienta a compreender o que é ter uma alma na mobília e nos psicotrópicos<sup>12</sup>, nos fazendo romper com o conceito de “inanimado” em ciência moderna. Ou seja, é preciso reparar quando cadeiras, mesas, campinho de futebol, psicotrópicos, entre outros, passam a ter o espírito da assistência. E, tendo-o, chegamos no aconchegante mais uma vez. Para Souriau: “Quando a obra [a mobília, por exemplo] estará acabada? Quando a convergência estiver completa, quando a realidade física dessa coisa material e a realidade espiritual da obra a fazer estiver unidas, coincidindo perfeitamente” (Souriau, 2020, p. 45).

Mas ter o espírito da assistência, por vezes, também nos remete às quebras de expectativas humanas<sup>13</sup>, como vimos. Tal qual os profissionais de saúde, a mobília e os psicotrópicos material-espiritual não cumprem a assistência 100%. Muitas vezes não cumprem o que prometeram, seja por desgaste, seja por um “dia de cão”, seja por efeito químico inesperado ou por um curto-circuito qualquer. E a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II se abrem, assim, para novas

---

12 Ainda nesse sentido, vale a pena conferir a análise sobre os sedimentos encontrados por Matthieu Duperrex (2019) no delta dos rios Ródano e Mississippi: “Os sedimentos são traços que indicam os conflitos antigos ou uma paz prolongada. Os sedimentos existem por estratos distintos, cada um testemunhando uma diversidade interna das relações do vivo e do inerte. Os sedimentos têm uma longa duração e relativizam a pretensão dos humanos em escrever a história da Terra em primeira pessoa. Os sedimentos guardam novas histórias e especulações” (Duperrex, 2019, p. 11-12, tradução nossa).

13 Para Latour: “Quando se sustenta que existem, de um lado, um mundo natural e, de outro, um mundo humano, propõe-se simplesmente dizer, após o fato, que uma porção arbitrária dos atores será *despojada de toda ação* e que outra parte dos mesmos atores, também arbitrária, será *dotada de uma alma* (ou de uma consciência). Mas essas duas operações secundárias deixam perfeitamente intacto o único fenômeno interessante: a substituição das formas de ação no seio da zona metafórica por meio de transações entre potências de agir de múltiplas origens e formas. Isso pode parecer paradoxal, mas, para ganhar no realismo, é preciso deixar de lado o pseudorealismo que pretende desenhar o retrato de humanos se exibindo à frente de um cenário de coisas” (Latour, 2020a, p. 101).

histórias e especulações sobre o espírito assistencial deles.

Nosso artigo busca um pensamento mais amplo para o campo da antropologia das emoções: uma antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas em ação assistencial tensa, com materialidades despudoradas, rebeldes e temperamentais, afetando o emocional de profissionais de saúde e de usuários. Porém, uma questão persiste: como contornar o espírito assistencial da mobília e dos psicotrópicos? É novamente em Souriau (1938; 2022) que nos apoiamos. Para tanto, é necessário recuperar as diferentes aparições da assistência enquanto modo de existir no campo da saúde. E, para sermos mais específicos, a passagem do dito “inanimado” ao animado na mobília e nos psicotrópicos como um dos modos de existir dessas aparições.

Para que a mobília e psicotrópicos tenham o espírito da assistência, é exigido dos profissionais de saúde e dos usuários apoio nessas sustentações existenciais materiais-espirituais. Podemos dizer que tal obra assistencial (a mobília e os psicotrópicos de apoio) solicita a assistência de sua equipe humana para poder existir em seus contornos tensionados. É preciso, pois, promover à existência<sup>14</sup> da mobília e dos psicotrópicos na assistência. Mobília e psicotrópicos cuidadores do emocional dos usuários e dos profissionais de saúde, mas, por vezes, mobília e psicotrópicos rebeldes, que não cumprem o que prometem. Trata-se da tensa passagem ao material-espiritual de mobília e de psicotrópicos. Permanecer no melhor possível exige esforço, negociação e política entre profissionais de saúde, usuários, psicotrópicos e mobília (Tronto, 1993). É preciso se atentar para os arranjos técnicos que precedem o uso da mobília e dos psicotrópicos em questão. Não há mobília e psicotrópicos neutros, pois eles extrapolam junto aos usuários e profissionais de saúde suas projeções iniciais, por exemplo, de uma mera cadeira disposta em um corredor à ação de uma cadeira na assistência material-espiritual possível.

Perguntamos, por ora: sem a mobília e os psicotrópicos estratégicos, um aconchegante seria possível no Caps AD II? Nada se exclui em nosso gesto especulativo (Debaise; Stengers, 2016). Não enxergamos apenas relações/emoções humanas nessas ações. Não há uma exclusiva

---

14 Souriau cita o exemplo da mesa em que ele ministrava sua conferência: “É dessa perspectiva que digo que essa mesa, apesar de sua existência física suficiente, permanece apenas esboçada quando penso nas realizações espirituais que lhe faltam. Realizações intelectuais, por exemplo. Pensemos no que ela seria diante de um espírito capaz de discernir todas as particularidades e significações humanas, históricas, econômicas, sociais e culturais de uma mesa da Sorbonne! [...] Pensemos na aventura que essa mesa poderia viver se seu destino fosse ser retomada por um espírito de artista e continuar em um quadro a existência objetiva (no sentido em que Descartes entendia esse termo) com que um pintor poderia gratificá-la. [...] Estaríamos diante de promoções de existência. O artista, em tais casos, tem o encargo da alma com relação aos seres que ainda não a têm, que possuem apenas simples e rasa existência física. Ele descobre o que faltava ainda a essa coisa, nesse sentido. A realização que ele lhe confere é a realização autêntica de um ser que ocupava tão somente, por assim dizer, o lugar que lhe cabia no modo de existência físico, mas que permanecia ainda pobre e por fazer em outros modos de existência. De tal modo que se essa mesa fisicamente está feita pelo marceneiro, ela está ainda por fazer no que concerne ao artista” (Souriau, 2020, p. 160-161).

história das paixões humanas no aconchegante material-espiritual do Caps AD II. Tudo é *design* flexível redesenhado por humanos e mais que humanos. É alteração da mobília. É alteração de psicotrópicos. É alteração de humanos. Tudo é o que importa. Na prática, o melhor Centro de Atenção Psicossocial possível é uma questão de ir diferindo relacionalidades no suficientemente bom. Ou como diria Bellacasa: “O cuidado [em saúde] é uma força distribuída por uma multiplicidade de agências e materiais e apoia nossos mundos como uma densa malha de obrigações relacionais” (Bellacasa, 2023, p. 125).

## DIFERINDO RELACIONALIDADES NO SUFICIENTEMENTE BOM

Como especular sobre o que está incluído no aconchego do Caps AD II? Tal qual Mol (2006), em que articular o “bom cuidado” é uma intervenção<sup>15</sup>, Bellacasa (2023), inspirada em Mol (2006), nos ensina a aprofundar uma intervenção ética e política para o cuidado: “O cuidado como sendo uma intervenção intrinsecamente ética e política [...]. Porque falar de ‘bom cuidado’ – ou mesmo de cuidado ‘tão bom quanto possível’ – nunca é neutro” (Bellacasa, 2023, p. 113). Se o cuidado não é neutro no Caps AD II e se essa não neutralidade envolve profissionais de saúde, usuários, mas também a ação da mobília e dos psicotrópicos, a ação da não neutralidade na assistência, por ir diferindo<sup>16</sup> relacionalidades entre humanos e mais que humanos, nos remete a um projeto em antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas. Isto é, um projeto genérico de assistência aberto e mundano, relativo a todas as ações humanas e mais que humanas concernidas e para uma ética e política na assistência pública.

O caráter genérico dessa definição de cuidado também é particularmente estimulante para um projeto especulativo. Primeiro, porque expõe os domínios existenciais do cuidado como algo em aberto – eles referem-se a tudo o que fazemos. Segundo, porque

15 Para Mol, “Articular ‘bom cuidado’ não é uma forma de descrever os fatos, de contar sobre o mundo como ele é. Também não é uma avaliação, um julgamento (positivo) das práticas de cuidado. Em vez disso, é uma intervenção. Articular a lógica do cuidado é uma tentativa de contribuir para a melhoria da assistência à saúde nos seus próprios termos, na sua própria língua” (Mol, 2006, p. 84, tradução nossa).

16 Nos apoiamos em Tarde no ir diferindo: “Quando o vapor de água se cristaliza em mil gotículas variadas ou simplesmente se liquidifica em água corrente, esta condensação é verdadeiramente, como estamos inclinados a pensar, um aumento das diferenças inerentes às moléculas de água? Não, pois não esqueçamos a liberdade que a água, no estado de disposição gasosa, já se regozijava de seus movimentos em todas as direções, seus caosos, suas distâncias infinitamente variadas. Isso significa que haveria aí uma diminuição da diferença? Não necessariamente, mas simplesmente a substituição de diferenças de um certo gênero, interiores, às diferenças de outro gênero, exteriores uns dos outros. Existir é diferir” (Tarde, 1999, p. 72, tradução nossa).

aponta para as maneiras pelas quais a “ética” em uma ética do cuidado não pode ser compreendida como um reino de obrigações morais normativas, mas sim como um envolvimento denso, impuro, em um mundo no qual a questão de como cuidar precisa ser colocada. Ou seja, faz da ética um processo encarnado e contínuo de recriação de relações “tão boas quanto possível” e, portanto, um processo que requer uma abertura especulativa sobre o que essas possibilidades envolvem (Bellacasa, 2023, p. 113).

Uma assistência pública tão boa quanto possível embaralha as obrigações morais normativas. O melhor Centro de Atenção Psicossocial possível, este do Caps AD II, é uma abertura especulativa e ética à política pelo envolvimento denso e tenso de profissionais de saúde, usuários e materialidades, um envolvimento impuro, mundano, pois misturado, no qual a questão de como assistir precisa ser colocada. Trata-se, aqui, de situacionalidades. Trata-se de um ângulo em que o genérico não será resolvido em uma teoria fechada. Trata-se, sobretudo, de uma ética-estética e de uma política da assistência que levantam questões sobre os significados do cuidado para o Caps AD II. Pensar o melhor possível do Caps AD II envolve, portanto, provocar a imaginação ética-estética e política em assistência pública.

A dimensão do “tão bom quanto possível” desloca-se para os significados do cuidado em territórios onde poderiam entrar em conflito com os significados de um “bem” estabelecido. Nitidamente, afirmar o especulativo como orientação geral de alguma forma pressupõe uma abordagem crítica do presente. Por que alguém iria querer outros mundos possíveis se não há nada errado com esse daqui? (Bellacasa, 2023, p. 114).

A prática do melhor Centro de Atenção Psicossocial possível não deixa de ser hesitante pela vulnerabilidade de qualquer posição existente sobre a emoção do melhor possível. O melhor Centro de Atenção Psicossocial possível é vulnerável, tenso, pois precisa ir diferindo relacionalidades para continuar acontecendo. Ele não é uma categoria apenas humana do emocional, “do cognitivo” de profissionais de saúde e de usuários. Depende da ação criativa, despudorada, rebelde, por vezes, e assistencial da móbil e dos psicotrópicos. Estamos longe aqui de uma assistência compreendida como “saudável”, “agradável” e não poluída pelas misturas do ir diferindo relacionalidades.

A móbil e os psicotrópicos do Caps AD II, em sua transformação material-espiritual em assistência e cuidado, fazem os profissionais de saúde e usuários fazerem coisas. Isto é, fazem eles instaurarem a passagem da móbil e dos psicotrópicos à assistência possível. Para Bellacasa: “O que significa cuidado quando pensamos e vivemos interdependentemente com seres que não são humanos, em mundos ‘mais que humanos’? Podemos pensar no cuidado como uma obrigação que atravessa a bifurcação natureza/cultura sem simplesmente reinstalar os binarismos e o moralismo da ética antropocêntrica?” (Bellacasa, 2023, p. 119).

Ou como diria Latour:

Não é o caso de dizer que existem fatos sólidos e que o próximo passo seja decidirmos se eles serão usados para explicar alguma coisa. Tampouco a outra solução seria atacar, criticar, expor, historicizar esses fatos, para mostrar que eles são construídos,

interpretados, flexíveis. Nem é o caso de fugirmos deles para a mente, ou de acrescentarmos a eles dimensões simbólicas ou culturais; o ponto é que fatos são aproximações ruins da experiência e da experimentação e, eu acrescentaria, um feixe confuso de polêmicas, de epistemologia, de políticas modernistas, que não podem de forma alguma pretender representar aquilo que uma atitude realista requer (Latour, 2020b, p. 198).

E é nesse ponto que Latour (2020b) adensa nossa exposição:

O que se apresenta [...] não é uma fuga para as condições de possibilidade de um dado fato, não é a adição de algo mais humano que estaria faltando nos fatos inumanos, mas, antes, uma investigação diversificada, lançada com as ferramentas da antropologia, filosofia, metafísica, história e sociologia, para detectar quantos participantes precisam se reunir em uma coisa para fazê-la existir e mantê-la existindo (Latour, 2020b, p. 199).

O emocional ganha sua descentralização da fuga para o humano (para sua mente, para o sujeito cognoscente, para sua consciência, para suas paixões exclusivas, para o simbólico, para a “cultura material”, para a disputa entre razão e emoção humanas em antropologia das emoções<sup>17</sup>). Buscamos, por outro lado, o ir diferindo relacionalidades aqui presentes no fazer o emocional. Ir diferindo relacionalidades em que o emocional também é a transformação, sempre provisória, do aconchegante de mobília e de psicotrópicos produzindo a melhor assistência pública possível. É preciso introduzir uma antropologia especulativa das emoções. É preciso seguir com o problema das materialidades do Caps AD II, pois, como Donna Haraway coloca: “Seguir com o problema requer estabelecer parentescos estranhos; isto é, precisamos uns dos outros em colaborações e combinações inesperadas, em amontoados quentes de compostos” (Haraway, 2023, p. 14).

Buscamos, assim, recuperar o que Simondon (2014) chama de mentalidade técnica, o que percebemos na mobília e nos psicotrópicos do Caps AD II: “A mentalidade técnica é coerente, positiva, fecunda no domínio dos esquemas cognitivos, incompleta e em conflito com ela mesma porque é mal interpretada ainda no quadro das categorias afetivas, enfim sem unidade e quase inteiramente a ser construída na ordem do querer” (Simondon, 2014, p. 295, tradução nossa). Construir a mentalidade técnica da mobília e dos psicotrópicos na ordem do querer é o que propomos aqui.

Por fim, está a prática do comparar e avaliar situações na busca da melhor assistência

---

17 Sobre uma Antropologia das emoções do dilema humano entre emoção e razão, seja no fazer antropológico, seja no contraponto das categorias nativas, Coelho acresce: “O campo da antropologia das emoções tem, entre suas questões fundadoras, a relação entre a emoção e a razão. [...] A relação entre os dois termos engendrou já um conjunto expressivo de análises voltadas para a compreensão de uma enorme diversidade de fenômenos, tais como experiências de saúde e doença e vivências do gênero e da sexualidade, entre aqueles associados à intimidade; e movimentos sociais, modalidades da violência ou transformações de regimes políticos, entre aqueles associados à ‘vida pública’” (Coelho, p. 257, 2019).

possível (Mol; Law, 2002), buscando apontar que a questão não é se assistência é boa ou ruim, como se houvessem padrões, mas se ela é melhor ou pior do que era, do que suas alternativas, do que um limite acordado, do que seria de esperar, em que avaliações envolvem comparações. Chegamos, portanto, no que funciona como suficientemente bom. Para tanto, nos inspiramos nos princípios pragmáticos de William James:

Não podemos rejeitar qualquer hipótese se daí decorrem consequências úteis à vida. As concepções universais, como coisa que se deve levar em conta, podem ser tão reais para o pragmatismo como as sensações particulares o são. Não têm, na verdade, nenhum sentido e nenhuma realidade se não têm uso. Se, porém, têm qualquer uso, têm aquela quantidade de significado. E o significado será verdadeiro se o uso enquadra bem com os demais usos da vida (James, 2006, p. 145).

O uso de gambiarras, de cadeiras bem distribuídas, de corredores decorados, de filtro estrategicamente localizado, de refeitório com sinuca, de campinho de futebol, dos psicotrópicos, entre outros, é avaliado por profissionais de saúde e por usuários como aconchegante pela passagem material-espiritual que todas essas materialidades provocam. Dito de outra maneira, o uso de cada uma dessas materialidades produz a realidade do aconchego. O aconchegante existe pelo uso que fazem os humanos e os mais que humanos do suficientemente bom. E há mais: esse aconchego que as materialidades provocam é, para os profissionais de saúde e para os usuários, o melhor possível material-espiritual, aquilo que eles podem alcançar no campo do emocional em uma assistência pública.

Em síntese, este artigo se volta para a descentralização de uma antropologia das emoções fundada e fadada no dilema razão x emoção/paixões/temperamentos humanos que circunscreve esse campo. Buscamos instigar a construção de uma antropologia especulativa das emoções não restrita às emoções humanas, mas no fazer o emocional por humanos e mais que humanos juntos e diferindo. Fugimos, portanto, da separação brutal entre aquilo que nunca teve história na antropologia das emoções – o emocional das materialidades – e aquilo que nunca deixa a história científica da antropologia das emoções: a centralidade nas emoções/paixões/temperamentos humanos. Estamos longe de uma antropologia das emoções que se confunde com uma espécie de antropologia psicológica das emoções, sem perceber que a psicologia é sua própria crise<sup>18</sup>.

Portanto, pouco nos interessa uma antropologia das emoções centrada nas exclusivas emoções/paixões/temperamentos humanos, buscando compreender os significados humanos

---

18 Sobre a Psicologia ser sua própria crise, Silveira acresce: “Ou se vincula a psicologia a alguma ideia filosófica do que seja o ser humano ou a consequência da sua prática só poderá ser a produção de estratégias de policiamento de seres humanos por um outro que se julga – implícita ou explicitamente – superior aos demais. Existe, assim, um vínculo forte entre as críticas ideológica e epistemológica porque a eliminação da base filosófica da psicologia em favor de finalidades vinculadas à razão instrumental também lhe retira – é fácil perceber – a especificidade de seu objeto” (Silveira, 2018, p. 18).



para definir a experiência do emocional. Estamos longe de uma antropologia das emoções que faz do conceito de alteridade algo exclusivo entre humanos. Uma outra antropologia das emoções é possível! Uma mais aconchegante, especulativa, repleta de emoções materiais-espirituais de humanos e mais que humanos e bem distante da orientação egóica de uma antropologia partindo da biografia do pesquisador.

E Souriau nos faz um chamado:

Não estamos a sós quando criamos. No diálogo em que a obra [as materialidades] nos interroga, nos interpela, ela nos guia e nos conduz, no sentido de que exploramos com ela e para ela os caminhos que a levam a sua presença concerta final. Sim, cara a cara com a obra não estamos sozinhos. Mas também o poema não está só se encontra o seu poeta. O grande, o imenso poema que saciaria o ser humano atual, que despertaria o ser humano por vir, esse poema está aí, espera apenas do seu poeta. Quem dentre nós o escreverá? (Souriau, 2020, p. 181).

Quem dentre de nós, antropólogas e antropólogos, escreverá uma antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas, finalmente liberada do protagonismo/excepcionalismo humano na análise da experiência do emocional? Os mais que humanos estão aí, tal qual a mobília e os psicotrópicos do Caps AD II, à espera de nós.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou instigar a imaginação sobre a boa combinação do emocional via o melhor Centro de Atenção Psicossocial possível. Através de pesquisa de campo no Caps AD II, da cidade Guanambi (Bahia), entre 2023 e 2024, buscou-se, por um gesto especulativo, abrir espaço para pensar o emocional fora da excepcionalidade das emoções humanas em Antropologia das emoções.

É preciso um outro nível de crítica, é preciso seguir Latour:

Isso exigiria que todas as entidades, inclusive computadores, deixem de ser objetos definidos apenas por seus *inputs* e *outputs*, e se tornem novamente coisas, mediando, reunindo, agregando muito mais dobras do que “a união dos quatro”. Se isso for possível, poderíamos então deixar que os críticos se aproximassem cada vez mais dos assuntos que prezamos e, finalmente, dizer a eles: “Sim, por favor, toquem nesses assuntos, expliquem-nos, implementem-nos”. Então teríamos superado de vez a iconoclastia. (Latour, 2020b, p. 202).

O melhor Centro de Atenção Psicossocial possível, como sendo uma intervenção intrinsecamente ética e política, apresenta peculiaridades em contextos institucionalizados, apontando a existência de interdependência não apenas dos profissionais de saúde e dos usuários na formação dos vínculos, mas também de mais que humanos. Essa perspectiva possibilita o

desenvolvimento de alternativas inovadoras nos campos da ética-estética prática da assistência, da política e, sobretudo, de uma antropologia especulativa das emoções humanas e mais que humanas.

Buscamos especular sobre o conceito de melhor possível associado a uma ideia com conotação particularmente disruptiva, na medida que contribui para o suficiente bom sob tensão. Em um serviço público que busca distanciar da lógica asilar, da moralidade do uso das drogas, do risco de prescrições pré-determinadas, é evidente que, apesar dos desafios institucionais, ir diferindo relacionalidades no Caps AD II propõe a assistência possível. O melhor possível é, assim, engajado para constituição do interdependente. Nos distanciamos, finalmente, do “monólogo humano” em antropologia das emoções: dos debates antropocêntricos entre emoção e razão humanas para definir o que é o emotivo, no silêncio especulativo sobre o emocional dos mais que humanos, desprovidos, nessa literatura, de porta-vozes.

## REFERÊNCIAS

1. AKRICH, Madeleine. Como descrever os objetos técnicos? **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 161-182, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.54446/bcg.v4i1.147>. Acesso em: 27 jan. 2025.
2. BELLACASA, Maria Puig de la. O pensamento disruptivo do cuidado. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v. 48, n. 1, p. 108-133, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/aa.10539>. Acesso em: 27 jan. 2025.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, DF: **Diário Oficial da União**, p. 2, 9 abr. 2001.
4. BRASIL. Ministério da Saúde. **A Reforma Psiquiátrica Brasileira e a política de saúde mental**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.
5. BRUNO, Fernanda. Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 136-148, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v20i1.10407>. Acesso em: 27 jan. 2025.
6. COCCIA, Emanuele. **Philosophie de la maison: l'espace domestique et le bonheur**. Paris: Rivages, 2021.
7. COELHO, Maria Claudia. As emoções e o trabalho intelectual. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 25, n. 54, p. 273-297, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832019000200011>. Acesso em: 27 jan. 2025.

8. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em políticas públicas de álcool e outras drogas**. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologasos-em-politicas-publicas-de-alcool-e-outras-drogas/>. Acesso em: 27 jan. 2025.
9. DEBAISE, Didier; STENGERS, Isabelle. L'insistance des possibles: pour un pragmatisme spéculatif. **Multitudes**, Paris, v. 4, n. 65, p. 82-89, 2016. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-multitudes-2016-4-page-82?lang=fr&tab=cites-par>. Acesso em: 04 abr. 2025.
10. DESPRET, Vinciane. **O que diriam os animais?** São Paulo: UBU, 2021.
11. DUPERREX, Matthieu. **Voyages en sol incertain**: enquête dans les deltas du Rhône et du Mississippi. Paris: Éditions Wildproject, 2019.
12. FERRAZ, Luana; FERREIRA, Paulo Rogers. Antropologia especulativa dos cuidados paliativos. In: FERREIRA, Paulo Rogers; CHAGAS, Lisandra. **O faz mundo em medicina**: a emergência da antropologia médico-especulativa. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2025. p. 68-78.
13. FERREIRA, Paulo Rogers; CHAGAS, Lisandra. A emergência da antropologia especulativa da medicina. In: FERREIRA, Paulo Rogers; CHAGAS, Lisandra. **O faz mundo em medicina**: a emergência da antropologia médico-especulativa. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2025. p. 68-78.
14. JAMES, William. **Pragmatismo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.
15. LATOUR, Bruno. **Changer de Société**: refaire de la sociologie. Paris: La Découverte, 2006.
16. LATOUR, Bruno. **Políticas da natureza**: como associar as ciências à democracia. São Paulo: Unesp, 2019a.
17. LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio em antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 2019b.
18. LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: UBU, 2020a.
19. LATOUR, Bruno. Por que a crítica perdeu a força? De questões de fato a questões de interesse. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 46, p. 173-204, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.32334/oqnfp.2020n46a748>. Acesso em: 27 jan. 2025.
20. HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthluceno. São Paulo: N-1 Edições, 2023.
21. MOL, Annemarie. Cutting surgeons, walking patients: some complexities involved in comparing. In: MOL, Annemarie; LAW, John (org.). **Complexities**: social studies of

- knowledge practices. Durham: Duke University Press, 2002. p. 218-257.
22. MOL, Annemarie; LAW, John. Complexities: an introduction. *In*: MOL, Annemarie; LAW, John (org.). **Complexities**: social studies of knowledge practices. Durham: Duke University Press, 2002. p. 1-22.
  23. MOL, Annemarie. **The logic of care**: health and the problem of patient choice. Londres: Routledge, 2006.
  24. PIGNARRE, Philippe. **O que é o medicamento?** Um objeto estranho entre ciência, mercado e sociedade. São Paulo: Editora 34, 1999.
  25. PIGNARRE, Philippe. **Les malheurs des psys**: psychotropes et médicalisation du social. Paris: La Découverte, 2006.
  26. SILVEIRA, Léa. A psicologia é sua própria crise? Sobre o sentido epistemológico da presença da filosofia no cerne da psicologia moderna. **Fractal**: Revista de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 12-21, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i1/1454>. Acesso em: 27 jan. 2025.
  27. SIMONDON, Gilbert. **Sur la technique**. Paris: Presses Universitaires France, 2014.
  28. SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
  29. SOARES, Antonio Carlos. Conceitos outros: as coisas e a Virada Ontológica. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2178-3748.2020.1.36312>. Acesso em: 27 jan. 2025.
  30. SOURIAU, Étienne. **Avoir une âme**: essai sur les existences virtuelles. Paris: Les Belles Lettres 1938.
  31. SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
  32. TARDE, Gabriel. Monadologie et sociologie. *In*: TARDE, Gabriel. **Oeuvres de Gabriel Tarde, Volume 1**. Paris: Les empêcheurs de penser en rond, 1999.
  33. TRONTO, Joan. **Moral boundaries**: a political argument for an ethic of care. Nova York: Routledge, 1993.
  34. WINNER, Langdon. Do artifacts have politics? **Daedalus**, Cambridge, v. 109, n. 1, p. 121-136, 1980.

*Paulo Rogers Ferreira*

Professor adjunto no Instituto Multidisciplinar em Saúde e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Antropologia pela Université Laval. ID ORCID: 0000-0003-3686-2449. Colaboração: Pesquisa bibliográfica,

Análise de dados, Redação e Revisão. E-mail: paulo.rogers@ufba.br

*Marlúcia Malheiros Souza*

Mestre em Psicologia da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde do Instituto Multidisciplinar em Saúde da Universidade Federal da Bahia. ID ORCID: 0009-0001-8226-9585. Colaboração: Pesquisa empírica, Redação e Ilustrações. E-mail: marluciasouza@ufba.br